

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

### PESQUISANDO PROSTITUIÇÃO E MERCADOS DO SEXO: CONTRIBUIÇÕES, DEBATES E NOVOS DESDOBRAMENTOS\*

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v18n1p3-11

A produção acadêmica brasileira sobre prostituição e mercados do sexo é ampla e importante. Tem sido alimentada desde várias fontes e tem servido como referência em diálogos internacionais. Dentre as disciplinas, a antropologia e a história cultural ganham destaque, tanto pela quantidade e qualidade da produção, como pela diversidade de abordagens, pelos deslocamentos que tem gerado, pelos diálogos em arenas políticas e pelas alianças com as militâncias no tema. Trabalhos como os de Claudia Fonseca (2003, 2004b), Margareth Rago (1985, 2008) e Adriana Piscitelli (2002, 2005, 2008, 2009, 2013) tem oferecido perspectivas metodológicas, políticas e analíticas para a consolidação de uma ou duas gerações de pesquisadores engajados ao mesmo tempo com a qualidade acadêmica e com os direitos das mulheres prostitutas<sup>1</sup>.

Esse dossiê é um recorte pequeno e parcial dessa produção, e inclui dois deslocamentos e desdobramentos da chave “antropologia no/do Brasil”: o primeiro é o artigo de Santiago Morcillo. Santiago é antropólogo argentino e seu artigo ocupa-se da Argentina. Ele faz parte de uma geração no vizinho país que vem se enfrentando de maneira extremamente inteligente e corajosa às forças políticas e sociais que lutam pela abolição da prostituição,

---

<sup>1</sup> Importantes referências internacionais no campo de estudos e engajamentos políticos sobre prostituição, trabalho sexual, indústria do sexo, tem grande influência na produção antropológica brasileira. Essas referências ofereceram perspectivas feministas que, sem desconhecer as desigualdades estruturais, concederam especial ênfase e atenção aos sentidos nativos, às formas de agência, de inventividade e de ação social que evidenciaram nos processos de pesquisa. Principalmente, autoras como Donna Guy (1991), Gail Pheterson (1989, 1996), Kamala Kempadoo (1995, 2004), Jo Doezema (2010), Dolores Juliano (2002, 2006), Laura Agustin (2007) e Wendy Chapkins (1997).

---

\* Agradeço à Profa. Dra. Loreley Garcia pelo convite a organizar esse dossiê, pelo trabalho conjunto e pela nascente e enriquecedora parceria.

---

**José Miguel Nieto Olivar**

Núcleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp. Bolsista Jovem Pesquisador FAPESP (processo 2014/23360-5).

E-mail: escreve.ze@gmail.com.

passando por cima das reivindicações das *trabajadoras sexuales* argentinas. Essa geração, presente também em trabalhos como os de Justo (2011), Daich (2012) e Varela (2013), tem estabelecido um diálogo bastante forte com a produção brasileira e tem encontrado, justamente, em figuras como Thaddeus Blanchette e Adriana Piscitelli, importantes aliados. O terceiro desdobramento é o artigo da Fabiana Rodrigues de Sousa. Brasileira e trabalhando em e sobre o Brasil, Fabiana não provém nem atua no campo da antropologia, da sociologia ou da história. Seu trabalho surge do campo da Educação, mas Fabiana tem encontrado diálogo e apoio na produção antropológica sobre o tema. Desdobramentos como esses, como veremos, têm enriquecido as discussões acadêmicas sobre prostituição e mercados do sexo desde diversos aspectos.

O panorama da produção brasileira tem estado marcado pela maior preocupação em formas de prostituição, principalmente, de mulheres, de rua em cidades do sul e sudeste. Boa parte dessa produção esteve desde o início engajada na compreensão do trabalho sexual; isto é, da prostituição enquanto um trabalho, com suas normas e regulações internas (GASPAR, 1984). Nessa medida, a atenção as formas diferentes e contextualizadas daquilo que Araújo chamou de “as manhas do ofício” (2006) ocupa um lugar importante nas pesquisas. Reflexões sobre as condições de trabalho, sobre formas, estilos, processos e dinâmicas laborais nos contextos de prostituição tem estado sempre presentes. Porém, não se trata de uma abordagem tipicamente trabalhista. Essa produção brasileira entendeu desde o início o intenso universo de derivas e devires, de misturas e entrecruzamentos que

compõem este (e qualquer?) trabalho (PERLONGHER, 1987): sexualidades, tensões e produções de gênero, políticas públicas em diversas áreas, relações conjugais e familiares, ocupação da cidade e do tempo, estilos corporais, relações múltiplas com o dinheiro, afetos, entre outros. E entendeu que sem um olhar detalhado e próximo, sem uma escuta atenta e parceira, seria impossível compreender o trabalho. A recente coletânea *Prostituição e outras formas de amor...*, organizada por Simões, Fonseca e Silva (2014), recolhendo grande parte do trabalho de pesquisadores que fizeram parte de Grupos de Trabalho sobre prostituição em reuniões acadêmicas recentes, é um bom exemplo desses trajetos.

Nesse sentido, os artigos aqui apresentados de Santiago Morcillo e de Fabiana Rodrigues de Sousa oferecem novos e importantes insumos. Ambos os artigos estão preocupados com uma questão central: dados determinadas condições operativas, materiais, morais, legais, corporais do trabalho sexual, como se faz uma prostituta? Como é esse “educar-se na noite”, diria Fabiana? Como se lida com as emoções em jogo neste trabalho? O artigo do Santiago Morcillo, “Entre sábanas y bambalinas...”, dialoga com uma bibliografia ainda pouco usada no Brasil em relação à prostituição: o trabalho emocional. Se bem os afetos, as conjugalidades e as emoções tem estado bastante presentes nas pesquisas sobre prostituição/trabalho sexual nesse país, a perspectiva proposta por essa abordagem específica não parece ter encontrado muito eco. No seu artigo, Santiago nos mostra, com detalhes etnográficos e arriscando pontadas de uma comparação possível entre três cidades na Argentina, algumas formas através das quais essas mulheres lidam, gestam, administram, produzem, expressam e controlam emoções e afetos como parte das suas dinâmicas de trabalho. Esse “trabalho emocional” permite compreender como economia e moral se cruzam para orientar a experiência destas mulheres no “sexo comercial”, de modo que possam construir um espaço possível de trabalho e de sentido.

Como é argumentado por Fabiana Rodrigues de Sousa em “Entre o medo e a ousadia: educando-se na prática da prostituição”, trata-se de um sistemático processo de aprendizagem, que envolve a prática das experiências corporais, o descobrimento dos limites, a gestão de táticas e estratégias e, com muita importância, a

circulação e elaboração coletiva do conhecimento. Como também é apreciado por Santiago e por outros autores, a desconfiança parece um motor importante no trabalho emocional, no educar-se. Como já foi mencionado, o trabalho da Fabiana surge do campo da Educação (SOUSA, 2012) e consiste em uma sagaz aposta para pensar a prostituição desde a Educação Popular de linha freiriana. Para isso, além de fazer uma brilhante leitura do Paulo Freire, Sousa dialoga cuidadosamente com a produção antropológica e com o método etnográfico. Para seu artigo atual, Fabiana entrevista prostitutas com trajetórias diversas e em contextos diversos, inclusive, militantes de organizações de prostitutas. Se uma suspeita preconceituosa indicaria que a relação entre Educação e prostituição poderia ir no caminho das pedagogias do resgate, o caminho construído por Fabiana é radicalmente outro. O resultado, e seu principal aporte, é compreender a prostituição como um universo social rico em aprendizados e em processos educativos que se sofisticam no processo de formação política das militâncias; um universo no qual sistematicamente as mulheres aprendem umas das outras e que estimula, longe de socavar, a “vocação ontológica de Ser Mais” e os processos freirianos de libertação.

Um parte importante da compreensão das dinâmicas do trabalho são as condições políticas e legais nas quais acontece: os processos de estado que marcam de formas contundentes as possibilidades das experiências subjetivas e organizacionais. As “políticas da prostituição”, as arenas de construção de direitos (seus sujeitos e práticas), as organizações e movimentações de trabalhadoras sexuais, suas relações e tensões com outros movimentos (feminista, particularmente), as legislações e políticas públicas que de formas diretas ou indiretas afetam o exercício e a imaginação moral sobre prostituição, é um campo privilegiado de análise no contexto brasileiro (GRUPO DAVIDA, 2005; SPRANDEL, 2005, 2014; PISCITELLI, 2008, 2012, 2013; TEDESCO, 2008; PIMENTA, M. C., CORREA, S. et ali., 2011; OLIVAR, 2012, 2013A, 2013C; ABIA, 2013; CORREA e OLIVAR, 2014; SKACKAUSKAS, 2007, 2014; LOWENKRON, 2012, 2013; TAVARES, 2014). Nesse plano, os artigos de Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva e da Laura Murray nesse dossiê constituem um valioso aporte.

As políticas de luta contra o “tráfico de pessoas” e contra a “exploração sexual” vêm ocupando há mais de uma

década o espaço principal de tensões políticas que afetam a prostituição. Como tem sido já largamente mostrado e demonstrado por diversos pesquisadores em diversas partes do mundo, os discursos do “tráfico de pessoas” mais do que benefícios na garantia de liberdades e na ampliação de possibilidades para as populações “vulneráveis” a quem se dirige, tem favorecido processos, ações e políticas locais e globais de estigmatização de determinadas populações, de restrição migratória (especialmente feminina sul-norte), de repressão à prostituição, entre outras. Esses discursos têm “flexões” novas (PISCITELLI, 2011c), se atualizam e sofisticam, mas sempre voltam carregados de imagens, cenas, emoções, atores, instituições, palavreados e dados sempre suspeitos.

O maior exemplo brasileiro desse estilo de produção e uso de dados e de emoções é a pesquisa PESTRAF, objeto do estilete afiado e já longamente treinado de Thaddeus e Ana. Caso por caso, dado por dado e argumento por argumento, Blanchette e Silva, laboriosamente, vão desmontando o espetáculo criado e desvelando para os leitores o vazio e as inconsistências – esses sim dramáticos – do documento. Em “As rotas da PESTRAF: empreendedorismo moral e a invenção do tráfico de pessoas no Brasil”, os autores não se aferram a um dogmatismo “cartesiano” e por tanto não constroem uma acusação em termos de uma polaridade verdade/mentira ou objetivo/ subjetivo, apenas pedem, no melhor estilo Brechtiano, que os bastidores e roteiros desse espetáculo chamado por eles de “*bullshit*”, sejam disponibilizados ao público. Por isso, evidenciar inconsistências textuais não é suficiente. Em um ato de honestidade política, da mesma forma que fazem em encontros acadêmicos e políticos, ela e ele levam a conversa até o final; chamam aos responsáveis pela pesquisa pelos seus próprios nomes, para que recorram, contestem ou respondam às perguntas e críticas levantadas. E continuam esperando.

Por sua vez, Laura Murray nos oferece um texto construído na linha de frente, ainda quente, sobre as formas violentas e torpes da relação entre o Estado e a prostituição. Como muitas das pessoas que pesquisam prostituição/mercados do sexo, Laura é uma militante, e desde há já uma década, ela é uma parceira importante deste movimento, tanto no plano nacional quanto em articulações internacionais. Sua militância comprometida levou-a ao lugar certo na hora certa para compreender

ao vivo e a cores uma das formas mais estruturantes e pesadas dessas políticas. Afortunadamente, seu olhar e sua formação de etnógrafa em “modo tese” lhe permitiram intuir, de um lado, o potencial analítico de tudo o que ali estava acontecendo (um desses “acontecimentos” do Sahlin (1997) que vira “evento” na atualização de longas e largas “estruturas de sentido”), e, do outro, o potencial político da etnografia e do registro cuidadoso.

A violência policial mais ou menos brutal contra corpos de mulheres prostitutas, suas redes e espaços, e o simultâneo lucro econômico e sexual de homens policiais a partir dos trabalhos e corpos destas mulheres, é uma constante histórica da relação do Estado brasileiro com a prostituição, especialmente em contextos de renovação ou modernização urbana e de gentrificação. Pelos dados que temos, essa violência teve seu último ápice de brutalidade e intensidade entre o final dos anos 70 e o início dos anos 90. O artigo “Victim management and the politics of protection: Between ‘*fazer direito*’ and ‘*direitinho*’”, nos apresenta como, longe de ser um mal desmontado, a violência estatal, masculina e armada contra a prostituição parece apenas uma besta-fera adormecida, distraída, capaz de voltar e em intrínseca conexão com dinâmicas políticas maiores.

Porém, esse não é um artigo sobre violência policial. Com detalhe etnográfico, afetação profunda e boas inspirações bibliográficas, a autora nos apresenta um Estado que não é o da AIDS nem o do respeito à lei nem o da proteção à democracia e às liberdades civis. Transitando por diversos agentes, planos e escalas daquilo que chamamos Estado, ela vai descobrindo, e apresentando para os leitores, as escuras alianças entre policiais, seguranças privados e milicianos no controle do comércio sexual no Rio de Janeiro (ver também AMAR, 2013), e as arbitrariedades jurídicas dos responsáveis por proteger o público. Por essa trilha, descobrimos uma Secretaria de Direitos Humanos moralmente imobilizada e reduzida a uma instituição filantrópica de ajuda que requer (e por tanto tenta produzir) corpos sem agência nem poder e que, por tanto, não sabe o que fazer com uma “puta”. Por fim, sem esquecer a sua própria posição de militante, e sem perder de vista que, assim, a militância, “o movimento”, foram se envolvendo também na trama não sempre clara, o artigo de Laura Murray induz uma série de interrogantes para a militância, o Estado e a academia.

As articulações entre territórios/territorialidades, afetos, desejos, mobilidades, sexos e dinheiros, têm marcado no Brasil caminhos e preocupações de pesquisa que vão para além da prostituição/trabalho sexual. Os territórios, suas mudanças e políticas (higienizações, gentrificações), particularmente grandes cidades, em relação com as dinâmicas sociais da prostituição, têm merecido espaço importante nas pesquisas sobre prostituição (MAZZARIOL, 1976; PERLONGHER, 1987; SIMÕES, 2003; PASINI, 2005; SILVA E BLANCHETTE, 2005; CAVILHA LOSSO, 2010; OLIVAR, 2013a; TAVARES, 2014). Cidades médias do interior (SOUSA, 2012; COLVERO, 2010) e locais de turismo internacional (principalmente do litoral) somam-se aos recortes (SILVA e BLANCHETTE, 2005; PISCITELLI, 2004, 2013; LUNA SALES, 2013). Nordeste e Amazônia, enquanto regiões políticas, e com especial interesse nos seus interiores e nas suas *fronteiras*, vem emergindo como novos focos de atenção na articulação entre gênero, sexualidades, mercados, trabalho e território, ainda de maneira incipiente (OLIVEIRA, M, 2011; OLIVEIRA, R., 2012; OLIVAR, 2013B; GARCIA, NASCIMENTO et ali, 2013).

De igual forma, a “transnacionalização dos mercados do sexo” (PISCITELLI, 2013), e nesse marco discussões ao redor de “turismo sexual”, “tráfico de pessoas” e mobilidades transnacionais, articulando políticas públicas com dinâmicas sociais, sexuais, afetivas, conjugais e econômicas, tem sido um espaço importante de produção (PISCITELLI, 2005, 2008, 2011a, 2011b, 2012; GRUPO DAVIDA, 2005; TEIXEIRA, 2008; PELÚCIO, 2011; PISCITELLI, ASSIS & OLIVAR, 2011; BLANCHETTE & SILVA, 2012; SPRANDEL, 2005; entre outros) (ver também BLANCHETTE e SILVA aqui). A ideia de “mercados do sexo”, então, resulta central.

Na compreensão dos trânsitos de “brasileiras nos mercados transnacionais do sexo”, Piscitelli (2013) dialoga com um literatura brasileira sobre prostituição e com outra que por vias diferentes menciona o lugar das trocas econômico-sexuais em camadas populares (nos trabalhos de Claudia Fonseca, Jurema Brittes, Heloísa Paim), assim mesmo, elabora diálogos com uma extensa literatura internacional sobre “indústria do sexo”, “turismo sexual”, prostituição e além, e propõe um recurso aberto:

A ideia de **mercados do sexo** aqui proposta, mais ampla, possibilita pensar nas **relações mais intensamente marcadas por essa economia de mercado, frequentemente vinculadas à indústria do sexo**. Contudo, ela situa as trocas que têm lugar no marco dessa indústria num universo muito mais amplo de intercâmbios sexuais e econômicos, materiais e simbólicos. Neles, as relações que têm lugar na indústria do sexo coexistem com outras, com as modalidades de sexo transacional, nas quais se envolvem muitas pessoas brasileiras, no Brasil e no exterior, em contextos nos quais há múltiplas manifestações de mercados, comércio, dádiva e intercâmbios (PISCITELLI, 2013: 30).

Nessa linha, destaca-se também o trabalho de Marina França (2014) e, trabalhando junto com travestis, os trabalhos de Flávia Teixeira (2008), de Larissa Pelúcio (2011) e Michelle Agnoleti (2014). Por fim, resulta importante destacar as pesquisas de doutorado de Paula Togni (2014) e de Natália Corazza Padovani (2011). Nenhuma das duas pesquisas trata sobre prostituição; porém, as autoras desvelam com cuidado etnográfico a importância de trocas mais ou menos táticas, mais ou menos mercantilizadas e sistemáticas, em muitos casos fortemente afetivas, entre sexo e dinheiro em contextos migratórios internacionais envolvendo brasileiras.

Os artigos de Silvana Nascimento e de José Miguel Nieto Olivar nesse dossiê dialogam de maneira muito próxima com esse sistema de articulações, se localizam em deslocamentos de recortes e abrem janelas para novos olhares. Em ambos os artigos, “prostituição” é uma palavra que parece ficar bastante curta para nominar os universos de relações, de mobilidades, de criações, de trocas e transações aos quais os autores têm acesso. Do mesmo modo, “trabalho” é uma pergunta a ser respondida e preenchida a partir dos conceitos nativos. Para Nascimento, com uma longa trajetória de conhecimento, pesquisa e ensino no interior da Paraíba, a ideia de “vida no brega” parece responder melhor às suas observações e inquietações. Ela nos conduz pelo universo de mulheres e jovens travestis do interior paraibano que vivem “no brega”, um pouco nômades e fortemente inventivas, a partir de bares, postos de gasolina, casas, cidades e estradas. Todas aquelas “rotas de tráfico” do Nordeste que pesquisas como a

PESTRAF tem se esforçado em produzir, adquirem corpos, nomes, afetos, biografias e possibilidades com o trabalho desta autora.

Nem grandes cidades, nem vistosas mobilidades transnacionais, nem militantes trabalhistas, nem espetaculares dramas políticos, ainda que com tudo isso se articule, constituem a matéria das perguntas e dos dados de Silvana. “Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba” traz uma preocupação explícita pelas cidades, pelos circuitos e trajetos que conectam estas cidades de escalas diversas no “brega”, no andar das suas interlocutoras. Nesse sentido, a conexão entre cidade e prostituição, classicamente ocupada pelas discussões acadêmicas e políticas sobre metrópoles, capitalismo urbano e processos de modernização, adquire novas flexões e arquiteturas diversas que deverão ser olhadas com atenção. Pelo mesmo caminho, esses afetos, buscas e territorialidades estão em movimento; já não apenas entre as periferias e os centros das cidades, nem através dos oceanos em busca de grandes capitais, mas no contexto do próprio país, vinculadas a regiões específicas e em derivas intensas. Todos esses deslocamentos são oferecidos no artigo de Silvana como portas que estão sendo abertas, como perguntas novas a ser desenvolvidas, como processos de pesquisa ainda em andamento.

Por sua vez, através das experiências e lógicas de jovens mulheres, “gays” e travestis participantes nos “mercados do sexo” na cidade de Tabatinga (interior do Amazonas, tríplice fronteira com a Colômbia e o Peru), Olivar oferece insumos para avançar no desmonte conceitual e político da “exploração sexual” como categoria explicativa, englobante e totalizante, da participação de “menores” nesses mercados. Retirado metodologicamente o sistema conceitual e moral da “exploração”, essa participação aparece então como um espaço relacional prenhe de agências, de diferenças e de possibilidades, ao mesmo tempo em que surge, por força própria, o peso da violência (e nisso o seu trabalho e o de Silvana Nascimento encontram-se mais uma vez). Em um contexto político em que criminalizar e aumentar a segurança (policial e militar) ganham força como recursos de governo, e no qual a “exploração sexual”, o “tráfico” e “as fronteiras” aparecem articuladas como

argumentos para o incentivo a ações policiais, judiciais e filantrópicas, a montagem de narrativas oferecida por Olivar no seu artigo adquire especial relevância. A aposta inacabada do autor consiste em não evadir a dificuldade de lidar com a violência (nem com o prazer ilegítimo destes garotos e garotas), ao mesmo tempo que não assumi-la como uma descontinuidade nem como um argumento para as políticas de repressão e criminalização dos mercados sexuais.

Olhando em transversal, podemos ver esse dossiê como fruto de uma genealogia acadêmica e política específica, fortemente marcada pela antropologia, pelas movimentações sociais e políticas das prostitutas, e pelas repercussões de tensões e de inovações feministas (PISCITELLI, 2005). Assim, resultado do trabalho conectado de muitos pesquisadores e pesquisadoras que por diversas razões não participaram dessa publicação, esse dossiê se coloca no centro de intensos debates políticos e acadêmicos contemporâneos ao redor de noções de trabalho, mobilidades e crime, e em jogo com recortes específicos sobre populações e territórios tidos como “vulneráveis”. O Estado, as ONGs, a produção de conhecimento e as formas econômicas locais estão crescentemente no centro das preocupações acadêmicas que buscam compreender a prostituição e os mercados do sexo. Por outro caminho, os afetos, o amor, o prazer, os desejos e as buscas por dinheiro, fortemente marcadas por gênero, parecem ocupar um lugar muito especial não apenas na prostituição, mas nas nossas preocupações sobre as formas através das quais as pessoas, em determinados contextos, fazem a vida andar e adquirir sentido.

Finalmente, acreditamos que o dossiê oferece também pistas para novos caminhos e diálogos a serem construídos; isto é, não apenas colaborando na ampliação dos recortes empíricos, mas apostando na formulação de novas perguntas ou no deslocamento e indagação de certezas, métodos e procedimentos mais estabelecidos. Longe de ser uma exposição de resultados terminados, esse dossiê foi se configurando, e assim é apresentado, como um documento coletivo de trabalho no qual os autores e autoras, generosamente, compartilharam seus achados, seus dados, suas experiências, suas dúvidas e caminhos vindouros.

## Referências

- ABIA. (2013). *Análise do contexto da prostituição em relação a direitos humanos, trabalho, cultura e saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids.
- AGNOLETI, Michelle Barbosa. (2014). *A transmigração no espaço, no corpo e na subjetividade: deslocamentos de fronteiras na experiência de travestis paraibanas na Itália*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. João Pessoa: UFPB.
- AGUSTÍN, Laura. (2007). *Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry*. London/New York: Zed Books.
- AMAR, Paul. (2013) *The security archipelago: human-security states, sexuality politics, and the end of neoliberalism*. Durham and London: Duke University Press.
- ARAÚJO, Rogério. (2006). *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia, Goiás: Editora da UCG : Cânone Editorial.
- BLANCHETTE, Thaddeus e SILVA, Ana Paula. (2012). “On bullshit and the trafficking of women: moral entrepreneurs and the invention of trafficking of persons in Brazil.” In: *Dialectical Anthropology*. June, Volume 36, Issue 1-2: pp. 107-125.
- CAVILHA, Juliana. (2010). *Dos desregramentos da carne: um estudo antropológico sobre itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC*. Tese doutoral em Antropologia Social. PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2010.
- CHAPKINS, Wendy. (1997). *Live Sex Acts. Women performing erotic labour*. Cassell, Londres.
- COLVERO, Carolina Appel. (2010). *Mulheres na batalha: performances de gênero em bares com prostituição em Santa Maria*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade federal de Santa Maria. Santa Maria: UFSM/PPGCS.
- CORREA, Sonia & OLIVAR, José Miguel. (2014). “The Politics of Prostitution in Brazil: Between “state neutrality” and “feminist troubles””. In: *The Business of Sex*, by Laxmi Murthy and Meena Saraswathi Seshu (Eds), Zubaan, New Delhi.
- DAICH, Deborah. (2012). “¿Abolicionismo o reglamentarismo? Aportes de la antropología feminista para el debate local sobre la prostitución”. In: *RUNA XXXIII*, (1), pp. 71-84.
- DOEZEMA, Jo. (2010). *Sex slaves and discourse masters: the construction of trafficking*. London and New York: Zed Books.
- FONSECA, Claudia. (2003). “Familia y profesión: la doble carrera de la mujer prostituta”. In: *La antropología brasileña contemporánea: contribuciones para un diálogo latinoamericano*. Buenos Aires: Prometeo: pp. 95-135.
- FONSECA, Claudia. (2004). “A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais”. Piscitelli, Gregori e Carrara (org). In: *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond: pp. 257-281.
- FRANÇA, Marina Veiga. (2014). “Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Belo Horizonte”. In: *Cadernos Pagu* (43), julho-dezembro, pp. 321-346.
- GARCIA, Loreley; NASCIMENTO, Silvana et ali.. (2013). *Nas Armadilhas do Desejo: prostituição juvenil nas zonas rural e litorânea da Paraíba*. Relatório de pesquisa (Edital MCT/CNPq/SPMPR/MDA Nº 020/2010). João Pessoa: UFPB/PPGS.
- GASPAR, Maria Dulce. (1984). *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- GRUPO DAVIDA. (2005). “Prostitutas, ‘traficadas’ e pânticos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o ‘tráfico de seres humanos’”. In: *Cadernos PAGU* (25), pp. 153-185.
- GUY, Donna. (1991). *El sexo peligroso*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana.
- JULIANO, Dolores. (2006). *Excluidas y Marginales*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- JULIANO, Dolores. (2002). *La prostitución: el espejo oscuro*. Barcelona: Icaria.
- JUSTO, Carolina. (2011). *Sexualidades en foco. Representaciones televisivas de la prostitución en Argentina*. Tesis de doctorado en Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: UBA.
- KEMPADOO, Kamala. (2004) *Sexing the caribbean: gender, race and sexual labor*. New York/London: Routledge.
- KEMPADOO, Kamala; Sanghera and Pattanaik (comp). (1995). *Trafficking and prostitution reconsidered: new perspectives on migration, sex work and human rights*. Boulder: Paradigm Publishers.
- LOWENKRON, Laura. (2012). *O monstro contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/MN.
- LOWENKRON, Laura. (2014). *Gênero, Fronteiras e Estado: a construção do tráfico de pessoas em investigações e inquéritos policiais*. Relatório de pesquisa de pós-doutorado apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
- LUNA SALES, Ana Paula. (2013). *Menina: construction d’une catégorie féminine dans le travail du sexe à Fortaleza, Brésil*. Dissertação de Mestrado. Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Paris: EHESS.
- MAZZARIOL, Regina. (1976). “*Mal necessário*”: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / Antropologia Social; Unicamp. Campinas: UNICAMP/IFCH.
- OLIVAR, José Miguel. (2013a). *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: UERJ/CLAM.
- \_\_\_\_\_. (2013b). *Mercados do sexo em territórios transfronteiriços: gênero e circulações na fronteira Brasil-Colômbia. Relatório final de pesquisa*. Bolsa de Pós-Doutorado FAPESP, processo 2010/50077-1. Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU / Unicamp. Campinas: PAGU/FAPESP.
- \_\_\_\_\_. (2013c). “...bajo el dintel del putiadero: Estado, prostitución y violencia en Colombia y Brasil”. In: *Cadernos Pagu* (41), julho-dezembro, pp. 339-369.
- \_\_\_\_\_. (2012). “Prostituição feminina e direitos sexuais... Diálogos possíveis?”. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 11, agosto, pp. 88-121.
- OLIVEIRA, Márcia. (2011). *Las paradojas de la trata y el tráfico de mujeres de la amazonía brasileña en España*. Dissertação de mestrado Máster Oficial en Género, Identidad y Ciudadanía. Universidad de Huelva.
- OLIVEIRA, Rafael. (2012). “Las redes de prostitución y tráfico de mujeres en la frontera Brasil-Venezuela por las carreteras BR-174 y Troncal 10”. In: *Espacio Abierto*, v. 21, pp. 325-343.
- PADOVANI, Natália. (2011). “No olho do furacão: conjugalidades homossexuais e o direito à visita íntima na Penitenciária Feminina da Capital”. In: *Cadernos Pagu* (37) julho/dez, pp. 185-218.

PASINI, Elisiane. (2005). *Os homens da vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/UNICAMP.

PHETERSON, Gail. (1996). *The prostitution prism*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

PELÚCIO, Larissa. (2011). “‘Amores perros’ - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo”. In: PISCITELLI, ASSIS E OLIVAR (orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU- Unicamp: pp. 185-224.

PERLONGHER, Néstor. (1987). *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.

PIMENTA, M. C., CORREA, S., et al.. (2011). *A política brasileira de resposta ao HIV/AIDS entre profissionais do sexo*. Rio de Janeiro: ABIA.

PISCITELLI, Adriana. (2013). *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EDUERJ/ Clam.

\_\_\_\_\_. (2012). “Feminismos e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista”. In: *Cuadernos de Antropología Social* Nº 36, pp. 11–31.

\_\_\_\_\_. (2011a). “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais.” In: PISCITELLI, ASSIS E OLIVAR (orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU- Unicamp: pp. 537-582.

\_\_\_\_\_. (2011b). “Procurando vítimas do tráfico de pessoas: brasileiras na indústria do sexo na Espanha”. *Revista interdisciplinar da mobilidade humana*. V.19 nº 37.

\_\_\_\_\_. (2011c). “Apresentação: novos desafios no debate sobre tráfico de pessoas no Brasil”. *Fórum Tráfico de pessoas, novas flexões no debate*. 35 Encontro Anual da ANPOCS, 27 de outubro.

\_\_\_\_\_. (2009). “Trânsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, jan./jun, pp. 101-136.

\_\_\_\_\_. (2008). “Entre as ‘máfias’ e a ‘ajuda’: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas”. In: *Cadernos PAGU* (31), julho-dezembro, pp. 29-64.

\_\_\_\_\_. (2005). “Apresentação: gênero no mercado do sexo”. In: *Cadernos Pagu* (25). Campinas, pp. 7-23.

\_\_\_\_\_. (2004). “Entre a praia de Iracema e a união europeia: turismo sexual internacional e migração feminina”. In: PISCITELLI; GREGORI; CARRARA (orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 283-318.

\_\_\_\_\_. (2002). *Entre a prostituição e os namoros de verão: gênero e sexualidade no contexto do turismo sexual internacional em Fortaleza*. Relatório final enviado à Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

\_\_\_\_\_; ASSIS, Glaucia e OLIVAR, José Miguel (orgs.). (2011). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU- Unicamp.

RAGO, Margareth. (1985). *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e terra.

\_\_\_\_\_. (2008). *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra. (2da. Edição).

SAHLINS, Marshall. *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

- SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, T. (2005). “‘Nossa Senhora da Help’: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. In: *Cadernos Pagu*, (25), pp. 249-280.
- SIMÕES, S; SILVA, Hélio; MORAES, Aparecida (orgs.). (2014). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: EdUFF.
- SIMÕES, Soraya. *Vila Mimosa II: a construção do novo conceito de ‘zona’*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da UFF. Niterói, 2003.
- SKACKAUSKAS, Andréia. (2014). *Prostituição, Gênero e Direitos: noções e tensões nas relações entre prostitutas e Pastoral da Mulher Marginalizada*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Campinas: Unicamp, 2014.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: o caso da organização de prostitutas Davida*. Dissertação de Maestria em Sociologia, UFMG, Belo Horizonte.
- SPRANDEL, Marcia Anita. (2005). “Tráfico de seres humanos: novas categorias, antigos problemas.” In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. (Org.). *Travessia na De\$ordem global*. São Paulo: Paulinas.
- \_\_\_\_\_. (2014). “Vou pra rua e bebo a tempestade: observações sobre os dissabores do guarda-chuva do tráfico de pessoas no Brasil”. Palestra oferecida no Seminário Internacional Re-Pensando Gênero e Feminismos, 20 anos do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU. Campinas: PAGU/Unicamp.
- SOUSA, Fabiana Rodrigues de. (2012). *A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição*. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos: UFSCar.
- TAVARES, Aline Godois de Castro. (2014). *A organização da Zona: notas etnográficas sobre relações de poder na zona de prostituição Jardim Itatinga, Campinas-SP*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia.
- TEDESCO, Leticia. (2008). *Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: PPGAS-NACI/UFRGS.
- TEIXEIRA, Flávia. (2008). “L’Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição”. In: *Cadernos Pagu*, v. 31, pp. 275-308.
- TOGNI, Paula Christofolletti. (2014). *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*. Tese de doutorado. ICS; ISCTE, Programa de pós-graduação em antropologia social. Lisboa: ICS, ISCTE.
- VARELA, Cecilia. (2013). “De la “letra de la ley” a la labor interpretante: la “vulnerabilidad” femenina en los procesos de judicialización de la ley de trata de personas (2008-2011)”. In: *Cadernos Pagu* (41), julho-dezembro, 2013, pp. 265-302.